

MORAWSKA VIANNA, Catarina. 2014. Os enleios da tarrafa: etnografia de uma relação transnacional entre ONGs. São Carlos: EdUFSCar, 230 pp.

María Cecilia Díaz
Doutoranda em Antropologia Social pelo
Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/UFRJ)
mcecilia.diaz@gmail.com

Revisão: Luísa Sobral de Carvalho

O livro de Catarina Morawska Vianna é resultado de uma pesquisa de doutorado acerca das redes transnacionais de combate à pobreza, feita através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). A análise se debruça sobre a relação de parceria entre organizações não governamentais brasileiras que se definiam como populares ou “de base” e que trabalhavam com crianças e adolescentes dos seus próprios bairros (Galpão dos Meninos e Meninas de Santo Amaro, no norte de Recife; Grupo Sobe e Desce e Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças, no centro e sul de Olinda, respectivamente) e a Catholic Agency for Overseas Development (CAFOD), uma organização britânica que financiava o funcionamento desses grupos. Estas instituições começaram a se vincular no final de 1980, através do “Street Children Programme”, e, mais de uma década depois, constituíram o “Projeto Tarrafa”.

O trabalho de campo foi realizado entre 2006 e 2008, porém a autora relata que os interrogantes que guiaram a investigação começaram a ser construídos a partir da sua presença como voluntária nesses locais desde o ano de 2001. Assim, a aposta epistemológica foi centrar o olhar na interconexão entre os espaços institucionais enquanto unidades analíticas, com o objetivo de estudar em profundidade um fragmento do circuito de cooperação internacional destinado à luta contra a pobreza. Seguir esses fios implicou um deslocamento entre Recife, Olinda e os escritórios da CAFOD em Westminster e no centro de Londres. A partir desse percurso, descrevem-se os feixes confluentes que estabilizaram momentaneamente certas relações, formando não somente um conjunto mutável,

como também uma maneira particular de estabelecer relações, própria de cada uma das ONGs. Precisamente, o uso do termo “enleio” no título do trabalho e no texto se associa à presença multissituada das estruturas institucionais interconectadas e à circulação de saberes técnico-burocráticos entre elas. De grande importância é, então, considerar os materiais – e-mails, informes, etc. – que constroem e suscitam relações singulares entre múltiplos locais, enquanto as coisas emergem como extensões das pessoas que trabalham nas organizações e das próprias organizações enquanto pessoas jurídicas. Essa forma de pensar a materialidade e multiplicidade dos vínculos é fundamental, já que permite a desmontagem das oposições global/local, macro/micro.

Na abordagem proposta aqui, o *desenvolvimento* aparece como aquilo que deve ser explicado, e a antropologia política como perspectiva analítica. Seguindo a descrição, podemos ver as maneiras em que a pobreza se manifesta e se torna visível no cotidiano dos funcionários envolvidos nos projetos que obtiveram financiamento, nos diagnósticos elaborados nos escritórios das agências financiadoras, nas histórias que ali se contam e nas imagens distribuídas entre os doadores da Inglaterra e do País de Gales (p. 23). A visibilidade é um assunto central na pesquisa, na medida em que as dinâmicas de visualização e obliteração – isto é, o que é possível ver para certos atores e o que eles não conseguem acessar a partir das suas posições – habilitam conexões específicas que constituem a *parceria* como relação institucional. Morawska Vianna recupera os argumentos de Strathern, que traça um paralelo entre a busca de tornar visíveis os problemas sociais e suas soluções por parte dos engenheiros sociais e o trabalho dos antropólogos que tornam visíveis certos conhecimentos sobre a sociedade, para sustentar que a exposição deve, pelo contrário, “replicar o eclipsamento da realidade” articulando as visões parciais dos atores (p. 30).

Os capítulos do trabalho exploram como se constrói a relação de parceria, isto é, as conexões transnacionais entre as ONGs que integravam o Projeto Tarrafa, em cinco dimensões articuladas. É através da abordagem detalhada da Rede Tarrafa como objeto empírico, como conjunto de relações da perspectiva dos atores, que a autora elabora o conceito de “emaranhados institucionais”, apresentado na introdução e desdobrado ao longo do livro. Primeiramente, as organizações aparecem como matéria de indagação numa descrição dos deslocamentos no campo e na teoria, a partir da reflexão sobre a necessidade de fazer emergir os feixes de relações multilocais na escrita. O relato considera a posição que foi conferida à autora nas diferentes estruturas organizacionais, a proliferação de saberes nelas, e o processo de estabilização de saberes técnico-burocráticos como tipos específicos de conhecimento que permitiam a materialização da parceria e a criação de “emaranhados” de longo alcance. São as próprias interconexões – seguidas e feitas no trabalho de

campo e na escrita – que tornam as relações assim apresentadas em contextos nos quais é possível entender as práticas.

Já no capítulo 2, o mais carregado em termos conceituais, descreve-se em profundidade a história da relação entre as ONGs. Com essa finalidade, considera-se a criação e reconfiguração da rede a partir do aumento da profissionalização na relação de parceria. Mesmo que tenha sido um processo que ocorreu em diversos locais de maneira simultânea, o caso analisado se desprende da aplicação de instrumentos específicos de gestão por parte da CAFOD, e do impacto que a adequação a eles teve no funcionamento das ONGs brasileiras. Através de uma descrição cuidadosa, sustentada nos arquivos do Projeto Tarrafa, a autora explica “como uma mudança em um ponto de um “emaranhado institucional” pode acarretar mudanças em outros pontos distantes de sua origem, mas a ele ligados indiretamente” (p. 79). Assim, a crescente ênfase no planejamento e na capacitação dos funcionários da própria CAFOD como quesito para mobilizar recursos se derramou nas instituições parceiras que integravam a rede no Brasil, num processo de transmissão e ampliação das mudanças ao longo da cadeia que conectava as organizações. Algumas das consequências mais visíveis desse processo foram a presença de assessores nos grupos e a adoção de uma linguagem técnica na redação dos projetos.

O conceito de “emaranhados institucionais” adquire neste ponto da análise uma maior densidade com a distinção entre “fragmentos” e “unidades compactas” que a autora realiza para abordar a dinâmica das relações entre os diferentes pontos: o vínculo se concretiza entre as organizações enquanto unidades, mas a manutenção dos laços e das alianças se produz entre partes específicas delas, entre os poros das instituições. É na relação entre fragmentos, como se observa no cumprimento das exigências burocráticas e na produção de documentação, por exemplo, que os “pontos cegos” e os “focos de visibilidade” se tornam cruciais. Desse modo, emergem diferentes “campos de visão” que se configuram segundo a posição dos atores, e as reverberações desse processo impactam nas formas particulares em que as instituições se singularizam. A autora acrescenta por fim que o mecanismo burocrático, que envolve a circulação de diversos documentos e de dinheiro, serve tanto à construção e à atualização das relações de prestação e contra-prestação entre as organizações, quanto aos enleios de “composições de mundo” que num ponto da cadeia se centram no combate à pobreza mundial e no outro, ao combate à pobreza no próprio bairro.

Resulta relevante a ênfase nos compromissos sentidos e vividos pelos diferentes atores que integram as organizações. Isto constitui o cerne do capítulo 3, onde se analisa a importância da carga afetiva para o tecido de relações entre “composições de mundo”,

principalmente no contexto britânico. Aqui, Morawska Vianna propõe compreender o ativismo e os atos de doação na chave dos afetos, e aborda os mecanismos através dos quais as pessoas se mobilizam e se vinculam com a CAFOD, permitindo que a organização marque sua presença nos espaços católicos. Nesse sentido, considera-se dois modos em que isso acontece: o imediato, no caso da mobilização de doadores e voluntários ocasionais que agem por um período curto de tempo como extensões da organização, e o duradouro, a “captura”, do qual participam os voluntários e funcionários cujo compromisso com a causa da justiça global se vincula de maneira estreita com a sua fé (p.138). O conjunto de imagens e discursos mobilizados para gerar adesão – impulsionar as doações e a participação – tem o pobre como figura central. De maneira complementar, o capítulo 5 oferece informações sobre os mecanismos de captura entre os educadores populares nas ONGs Galpão, Sobe e Desce e Grupo Comunidade, baseados na vinculação desses atores com as comunidades em que trabalham.

Como vimos, o ponto de partida do texto foi a explicitação das condições materiais do trabalho de campo e a introdução dos principais conceitos, para depois avançar no desdobramento da noção de “emaranhados institucionais”, construída a partir da análise minuciosa da circulação de pessoas e coisas na rede. Os últimos capítulos se aprofundam nas dinâmicas de extensão (ou retração) e adensamento dessas relações transnacionais. Aqui, retorna com força o tema da visibilidade e da obliteração a partir da “política da transparência”, já que aquilo que os atores fazem visível e deixam ver nas suas atividades estrutura a relação de parceria. São só certas maneiras específicas de formatar as informações e de fazer o trabalho burocrático as que permitem gerar composições fixas que levam as organizações a multiplicar vínculos com outras instituições e arrecadar mais fundos, tornando-se assim mais confiáveis. Portanto, a transparência constitui um marcador que afeta as reputações dos atores e das organizações, e que pode incidir na continuidade ou na ruptura da relação com os financiadores. Assim, as trajetórias e as dinâmicas próprias de cada ONG, a sua capacidade de adensar suas vinculações ou não, são consideradas à luz da adoção e aplicação dos princípios da engenharia social ou a prioridade concedida às conexões no bairro, ao valor da “tradição”.

Morawska Vianna mostra a complexidade do mundo do desenvolvimento a partir de uma etnografia centrada no detalhe das relações que se tecem entre as instituições do projeto Tarrafa, entre a Grã-Bretanha e o Brasil. Esse conjunto de vínculos é analisado considerando sua história; os focos de visão e os pontos cegos dos atores que a integram; a articulação de fragmentos institucionais e unidades compactas; a circulação e extensão de atores, processos e saberes; a vinculação entre “composições de mundo”; e a geração

de compromissos afetivos através de mecanismos de mobilização e captura. Uma vez especificados esses aspectos em suas dinâmicas intrínsecas, as conexões parciais que constituem a relação de *parceria* podem aparecer sob a forma de “emaranhados institucionais” de combate à pobreza. A própria fluidez da escrita possibilita apreender como a construção de modos estáveis de relação se dá através do movimento e da mudança. Desta maneira, o trabalho nos oferece um conjunto importante de ferramentas analíticas para pensar de modo complexo na atuação transnacional das organizações não governamentais.

Recebido em 08 fevereiro 2018.

Aceito em 11 março 2018.